**CIDADE EXPANDIDA: hibridismo e expansão de um conceito para o contexto das redes tecnológicas**

aGNuS VaLeNTe e NARDO GERMANO[[1]](#endnote-1)

**Resumo:** Este artigo discute o conceito de cidade expandida, desde sua conotação geopolítica na área de arquitetura e urbanismo até o enfoque artístico do campo expandido da escultura, para repensá-lo enquanto cidade digital, no âmbito das redes informáticas. O texto apresenta o agenciamento estético-político de experiências artísticas, como “vendogratuitamente.com” (2006), intervenções e-urbanas conduzidas por Agnus Valente nos mecanismos de busca do *Google*, e “Auto-Retrato Coletivo” (1987-) de Nardo Germano, cujas intervenções participativas urbanas dialogam com obras interativas *on-line*. Ambos os casos entendem e problematizam a cidade expandida como absorção híbrida das duas modalidades de cidade.

**Palavras-Chave:** Hibridismo Arte/Urbanismo/Tecnologia. Cidade Expandida. Cidade Digital. Campo Expandido. Intervenção e-Urbana.

***Abstract:*** *This article discusses the concept of expanded city, from its geopolitical connotation in architecture and urbanism to the artistic focus of the expanded field of sculpture, to rethink it in regard to the digital city in the context of technological networks. The text presents the aesthetic-political agency of artistic experiences as "vendogratuitamente.com"(2006), e-urban interventions conducted by Agnus Valente in the Google Search, and "Collective Self-Portrait" (1987-) by Nardo Germano, whose participatory interventions performed at urban space dialogue with interactive artworks online. Both cases understand and problematize the concept of expanded city as the hybrid absorption of the two modalities of city.*

***Keywords:*** *Arts/Urbanism/Technology Hybridism. Expanded City. Digital City. Expanded Field. e-Urban Intervention.*

**Introdução**

Este texto corresponde às palestras que ambos apresentamos durante a Mesa Temática “Cidade e Tecnologia: interrelações”, que coordenamos no 10º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia (#10.ART): *Modus Operandi Universal*, que teve lugar no Auditório do Museu Nacional da República em agosto de 2011, na qual discorremos sobre o conceito de cidade expandida no contexto híbrido das redes tecnológicas.

Para essa mesa, convidamos Fred Forest, Suzete Venturelli e Christine Mello que discorreram conosco sobre diferentes abordagens e experiências artísticas circunscritas à nossa proposta de discutir uma espécie de e-urbanidade na sociedade contemporânea, nas relações da cidade com a tecnologia ou por ela mediadas, criando situações que ressignificam e ampliam as acepções de "cidade" à medida que exploram contrastes entre sua fisicalidade e suas dimensões política, psicológica e virtual, à luz dos conceitos de "*site-especific*", "campo expandido“, "cidade digital“, "cidade expandida” e “galeria expandida".

Participando presencialmente da mesa em Brasília, Agnus Valente palestrou sobre “vendogratuitamente.com”, sua intervenção e-urbana desde 2006 no *GoogleSearch*, e Suzete Venturelli apresentou o projeto “Ciberintervenção urbana interativa” (Ciurbi), desenvolvido no MídiaLab-UnB em 2011, que se constitui de projeções interativas na arquitetura em espaços da cidade de Brasília e entorno, inclusive na fachada convexa do Museu Nacional, envolvendo performance, intervenção urbana, grafite, arte computacional, redes sociais e cartografia colaborativa (ciurbi.wordpress.com). Os demais convidados participaram telepresencialmente, via *Skype*. Fred Forest conversou com o público a partir de *New York*-EUA sobre o seu recente projeto “*Flux et Reflux, La Caverne d’Internet”*, de 2011. Nas palavras do artista, a alegoria de Platão é transposta para formas contemporâneas, configurando uma dupla rede ativada pela presença física dos visitantes e presença virtual dos públicos conectados que, juntos, com sombras, textos e vídeos, dão forma à exposição, conexão por conexão (flux-et-reflux.net). No Brasil, a partir de São Paulo, Nardo Germano apresentou a série “Auto-Retrato Coletivo” (1987-, nardogermano.com/autoretratocoletivo), focando nas relações entre cidade, identidade e tecnologia, enquanto Christine Mello discorreu sobre a exposição “Galeria Expandida”, realizada em 2010 na Luciana Brito Galeria em São Paulo (galeriaexpandida.wordpress.com), cuja plataforma curatorial reflete sobre os circuitos da arte e da mídia, associada a uma operação curatorial que traz para a galeria trabalhos que ocorrem fora dela, sugerindo uma expansão da galeria enquanto ambiente de relações e trocas, como fluxo informacional.

Desse modo, configurou-se a palestra em (tele)presença de convidados dispostos geograficamente em três pontos diferentes de convergência, numa situação de descentralização da emissão de informação que expandiu as fronteiras de Brasília, nacional e internacionalmente, bem como as fronteiras de São Paulo e *New York*, para a realização da própria mesa temática sobre cidade e tecnologia, constituindo-se numa prática afirmativa do conceito de cidade expandida tratado neste presente texto.

**CIDADE EXPANDIDA – percurso conceitual**

*If clothing is an extension of our private skins [...],*

*housing is a collective means of achieving the same end*

*for the family or the group. Housing as shelter*

*is an extension of our bodily heat-control mechanisms*

*– a collective skin or garment.*

*Cities are an even further extension of bodily organs*

*to accommodate the needs of large groups.*

McLUHAN

A cidade, um dos meios pensados como extensão do homem (MACLUHAN, 1994)[[2]](#endnote-2), é aqui considerada no contexto do hibridismo de meios e sistemas (VALENTE,2008); para isso adotamos o conceito de “*expanded city*” (ARNOLD, 1972), advindo do urbanismo, que nos permite associações teórico-críticas mais produtivas para a expansão conceitual que propomos para o estudo do cruzamento híbrido entre arte, urbanismo e tecnologia, de modo a superar a dicotomia entre cidade real e cidade digital, pois nos parece cada vez mais evidente a relação intrínseca entre as duas modalidades, que demanda uma reflexão sobre o conceito de cidade híbrida que se configura nos seus trâmites, partindo do contexto geopolítico ao tecnopolítico e *vice-versa*.

No âmbito da linguagem, ao nos referirmos à *Internet*, amparamo-nos no hibridismo de conceitos de diferentes áreas do conhecimento. A *web*, do ponto de vista de sua associação com a urbanística, apresenta-se nos termos “endereço”, “portal”, “*site*”, “*home*” que sugerem um “mapeamento” espacial da rede, bem como nos termos de uma percepção da *Internet* como “ambiente” – conceito que empregamos preferencialmente ao de “espaço”. A noção de “ambiente” (ARGAN, 1983, p.223-224) instaura-se na articulação conjunta de relações e interações entre a realidade física e a realidade psicológica, parecendo-nos mais adequada para pensar a virtualidade e o expansionismo da rede, estabelecendo um contraponto necessário, e dialético, à concepção cartesiana de projeto racional de organização do “espaço”. O “ambiente” interconectado das redes telemáticas constitui uma cidade em escala planetária que efetiva uma “cidade digital” (FOREST *in* DOMINGUES, 1997, p. 333) para além de uma arquitetura material, pois a ela agrega-se uma arquitetura virtual antes imaginada do que fisicamente percebida.

O conceito de cidade expandida fundamenta esta reflexão por corresponder a um fenômeno urbano que hoje observamos em andamento na cidade digital, nos mesmos moldes da expansão das áreas metropolitanas. É importante recordar que, “por mais caótica que tenha sido a constituição da forma do território metropolitano, ele é um todo”, sendo necessário considerar nesse processo “a dimensão da representação da metrópole enquanto cidade expandida, que abarca os vários territórios das cidades que as integram, formando um único território urbanizado” (LACERDA; ZANCHETTI; DINIZ, 2000, p.2-3), não somente sob a perspectiva de uma expansão geográfica, mas também por articulações de outra ordem:

A metrópole se organiza a partir de um núcleo (a cidade centro regional) que articula espacial, econômica, política e culturalmente os outros núcleos urbanos a ele ligados em uma relação de dependência e/ou complementaridade. A conurbação entre os núcleos urbanos é extensa, embora não seja total, pois continuam a existir espaços ‘livres’ entre as diversas manchas urbanas. Apesar dessa fragmentação e descontinuidade espacial, a metrópole compõe um conjunto articulado e hierarquizado. (2000, p.3, grifo nosso).

Williams (1989) e Roncayolo (1997), desenvolvendo o conceito de cidade expandida, consideram que, tal como no processo de expansão das metrópoles, também não existe ruptura nem autonomia entre o campo e a cidade: ao contrário, campo e cidade são interdependentes. Nesse sentido, para nós, esse conceito é uma premissa para se pensar a relação entre a cidade real e a cidade digital, na medida em que a cidade digital não se configura necessariamente como uma ruptura absoluta ou como elemento totalmente autônomo em relação à cidade real, mas, ao contrário, pode ser pensada como sua expansão. Nessa perspectiva da cidade expandida, poderíamos então, numa paráfrase, afirmar que, no contexto tecnológico, a metrópole promove uma articulação espacial, econômica, política e cultural dos núcleos urbanos da *web* naquela mesma relação de dependência e/ou complementaridade. E, ainda que se considere a fragmentação e a descontinuidade espacial, bem como a ubiquidade do sistema, constatamos que se organiza um conjunto igualmente articulado e hierarquizado, sem ruptura nem autonomia, entre as duas modalidades de cidade, o que coloca a problemática sobre cidade e tecnologia num nível mais complexo.

Focalizando “a *Internet* como campo expandido da urbe” (VALENTE, 2006), a noção da *web* como cidade expandida encontra sua coerência artística. O conceito de “campo expandido” de Rosalind Krauss (1979) demarca a passagem da arte para locações específicas do espaço rural ou urbano, em diálogo com seu entorno e não mais como objeto suspenso num entorno neutro. Conforme Krauss, “*within the situation of postmodernism, practice is not defined in relation to a given medium [...] but rather in relation to the logical operations on a set of cultural terms, for which any medium […] might be used*” (1979, p.42). Nesse sentido, o deslocamento das operações artísticas para o campo expandido na década de 60 em direção à paisagem e à arquitetura, tendo a cidade real como meio, incrementa-se agora em relação ao ambiente da *web*, tendo como meio a cidade digital – e isto porque a prerrogativa da prática pós-moderna ou contemporânea não se fixa a um dado meio, mas a operações e agenciamentos poético-políticos necessários à realização de um programa artístico.

***Non-site* VENDOGRATUITAMENTE.COM, de aGNuS VaLeNTe**

**Cidade expandida: *site* e *non-site* entre o real e o digital**

A intervenção e-urbana “vendogratuitamente.com” é desdobramento de um projeto autoral de intervenção no espaço físico, denominado “*Cogito Ergo Ludo:* Logo/Jogo”, formado a partir da repetição do *pattern* de “Logo/Jogo” (1997), obra concebida e produzida em meio digital e proposta inicialmente como um *wallpaper* artístico para exibição em monitores de computador. O *pattern* constitui-se no díptico de um logo da palavra “logo” e de seu reverso, um logo da palavra “jogo”, que “brinca” com a função estética e referencial do signo publicitário. Posteriormente, o *pattern* torna-se objeto de várias proposições, configurando-se uma série artística: transferido para *plotter* de recorte sobre vinil auto-adesivo, ganha o espaço físico, materializando-se em milhares de logos aplicados em espaços urbanos numa sequência de intervenções nas quais ironicamente esses logos

se espelham e se espalham no espaço público sem finalidade de divulgação nem venda de produto ou marca. O propósito é demarcar uma tomada de (o)posição poético-política em relação à voracidade do sistema capitalista, criando uma pausa nesse sistema ao oferecer ao público em geral a fruição gratuita e desinteressada de uma forma. Nesse sentido, a idéia que perpassa o projeto é hipostasiar no signo a sua função poética em oposição à função referencial e simbólica. Instauro e preservo assim uma questão ética: um “logo” contestatório na medida mesma de sua opção pela estética. (VALENTE, 2006, p.6).

Essas intervenções urbanas cumpriram um trajeto que se iniciou no Edifício Copan, em São Paulo, onde a obra, intitulada “Atlântica” (2002), dialogou com a arquitetura de Oscar Niemeyer, interpretada como uma parede de azulejos de Athos Bulcão; em versão intitulada “*Occulo”* (2002/2003), os logos foram adesivados na extensão inteira das duas vitrines da Galeria ACBEU, em Salvador, configurando um filtro que oculta e ao mesmo tempo deixa ver o espaço interno da galeria pelos transeuntes que passavam pelo Corredor da Vitória; no Complexo Argos, em Jundiaí, a versão “*Arbor”* (2003)adotou como objeto de reverência uma goiabeira nascida no interior do espaço e cuidada pelos funcionários, metaforizando uma ação ecológica; e no Instituto de Artes da UNESP, São Paulo, a versão “*Atrium”* (2004) constituiu-se de cinco gravuras, uma no chão e as outras nas janelas, hibridando os logos com o átrio e com a visão do jardim de inverno. Em cada uma dessas intervenções, os logos absorveram o entorno, ressignificando-se conforme as características do lugar, numa proposta conceitual de *site-specific*.

Em 2006, decidi recolocar a série “*Cogito Ergo Ludo*: Logo/Jogo” no seu ambiente digital de origem bem como reforçar a discussão em seu princípio anticonsumista. Com esse propósito, concebi o projeto-piloto de uma intervenção na *web* que intitulei “vendogratuitamente.com”, num jogo de palavras com a similaridade e oposição de seus termos, enfatizando ironicamente o contraponto entre a idéia estética de "ver" e a idéia consumista de "vender". Apesar do caráter individual de minha iniciativa, esta intervenção não é uma luta solitária e quixotesca de um artista contra moinhos de vento: o meu “Logo/Jogo” – o “Logo Lúdico que não se vende” (VALENTE, 2002) –, integra o projeto acompanhado de obras de outros artistas que em suas poéticas investem em intervenção urbana. O projeto-piloto já incluía obras e artistas convidados por afinidades ideológicas – ou poético-políticas: Regina Silveira e Julio Plaza, respectivamente com as obras “Dígito” e “Luz Azul”, que foram exibidas na década de 80 num painel eletrônico no Vale do Anhangabaú que usualmente exibia campanhas publicitárias; Carmela Gross, com a obra “Eu Sou Dolores”, exibida no Belenzinho numa das edições de “Arte/Cidade”, mega-projeto de intervenção urbana concebido por Nelson Brissac; e Nardo Germano, com a obra “*Neon”*, que integrou “Leit-Uras”, um projeto itinerante de poesia concreta e imagética que circulou por diversos bairros de São Paulo entre 1995-96*.* Posteriormente, escolhi “*On Translation: Warning”* de Antoní Muntadas que aceitou meu convite e cedeu imagens de sua intervenção urbana em vários idiomas para a inauguração do projeto. Recentemente, convidei Fred Forest com uma proposta de transposição para *Internet* de sua intervenção “*Space-Media”*,da década de 70, que invadia a transmissão da TV francesa *Channel* 2 com uma tela branca. Em 2010, convidei Augusto de Campos, outro artista da intervenção no painel eletrônico do Vale do Anhangabaú nos anos 80, que passa a integrar o projeto a partir desta edição de agosto de 2011 com o poema concreto “nãomevendo”.

Penso essa intervenção numa perspectiva híbrida da cidade – perspectiva anteriormente circunscrita à relação arte/arquitetura e agora expandida para a relação arte/urbanismo/*web*. Por isso não conceituo minha ação como uma intervenção urbana, uma vez que não ocorre no espaço físico da cidade, mas na *web*. Assim configurou-se “vendogratuitamente.com” enquanto intervenção *e*-urbana, pois elege a *Internet*, esta cidade digital, como campo expandido de ação – uma cidade expandida –, colocando em xeque a nova configuração de fluxo e difusão do repertório de imagens do mundo contemporâneo.

Um campo expandido significa, a meu ver, absorver um campo novo sem, contudo, perder o lastro de conhecimento acumulado no campo de origem. Compreendendo a *net* como ambiente de redes *e*-urbanas, amparo-me na Urbanística e na Arte Pública, cujo conceito de “disponibilidade”, curiosamente também empregado no meio digital, é o que coloca toda a *web* sob a égide do “público”, ainda que essa disponibilidade represente uma mera probabilidade de acesso (e não um acesso efetivo) na rede. Entretanto, minha intervenção busca a efetividade dessa esfera pública da rede – assim, inscrevo meu projeto de intervenção numa dimensão ética, estética e política, através de estratégias de ação da Arte Pública em termos de cobertura, disponibilidade, interação, acesso e frequência de usuários em trânsito na *web*.

Reiterando minha compreensão de que esfera pública na contemporaneidade deve pressupor (ou incluir) o contingente humano enquanto fluxo vital que circula no fluxo telemático (de *bits*) da comunidade *Internet*, e detectando nesse fluxo uma fonte de potenciais espectadores; empreendi a *e*-intervenção de *web-art* infiltrando-a nos mecanismos de busca – um dos serviços mais requisitados da *Internet* –, elegendo a busca do *Google* como campo de ação*.* Numa perspectiva ideológica, a e-intervenção concentra-se especificamente no contexto do *e-commerce*, explorando o conceito de *links* patrocinados nas páginas da *web*. Além das traduções intersemióticas ou transposições das obras para o novo meio, cada uma delas passou também pelo que denomino “pequenas traduções intersemióticas”, que correspondem aos *ads* artísticos, à direita dos resultados da busca, cuja exibição visa a atrair o interesse e a curiosidade do público-internauta.

Trata-se de um projeto de *site-specific* *on-line* estruturado em dois endereços. O logradouro que sofre a intervenção artística é o portal do mecanismo de busca do *Google* <[*www.google.com.br*](http://www.google.com.br/)> onde o público-alvo é interceptado com a exibição desses singulares *ads* que são lançados subliminarmente durante sua pesquisa do resultado da busca, até que, detectados e clicados, o redirecionam para o outro logradouro, que disponibiliza todo o projeto artístico que está sediado no endereço eletrônico <[www.vendogratuitamente.com](http://www.vendogratuitamente.com/)>. Essa articulação entre dois logradouros mobiliza os conceitos da *Land Art*: “*site*” e “*non-site*” (SMITHSON, 1979). Nesse contexto, “*site*” é o logradouro onde ocorre a ação, no qual o público-alvo é interceptado e surpreendido pelo *ad* artístico e pela exibição da obra de intervenção que tem como entorno a página de resultados de busca do *Google*; e “*non-site*” é o logradouro para onde a ação é deslocada, paradoxalmente o *site* do projeto onde o público acessa as documentações e obras artísticas das intervenções.

A partir do conceito de “*site-specific*”, a e-intervenção mobiliza também outras categorias específicas que definem particularidades da ação. Para o projeto ser visualizado no mecanismo de busca, investi nos serviços do *AdWords*, que me permite alcançar o perfil do público-alvo no momento em que estiver “procurando ativamente seus produtos e serviços”, conforme frisa o *tutorial* do *Google*. Para isso, articulei palavras-chave específicas do contexto do consumo (*shopping*, compra, cartão de crédito, dinheiro, preço etc.) e datas específicas de caráter afetivo nas quais há um incremento no *e-commerce* (Natal, Ano Novo, Dia das Mães, dos Pais, dos Namorados etc.) para capturar e desviar esse público específico de consumidores para o “*non-site*” onde as obras, disponíveis para exibição gratuita, articulam ironicamente uma apropriação crítica da linguagem de “*gifs* animados”, *banners* e painéis eletrônicos ou digitais que habitam tanto a vida prática como o universo imaginário do consumismo contemporâneo em portais e redes sociais na *Internet*.

Na rede *e*-urbana desde 2006 nas datas específicas, a intervenção ultrapassa 700.000 impressões de seus *ads* artísticos até o momento desta publicação. O projeto acumula uma visitação massiva de consumidores por meio dos mecanismos de busca e, convertendo-a não em vendas, mas em experiências estéticas, instaura uma pausa reflexiva na voracidade do sistema capitalista reproduzido na cidade expandida *on-line*. Reafirmando meu propósito de demarcar uma tomada de (o)posição poético-política ao consumismo, através da fruição gratuita e desinteressada de uma forma estética, “vendogratuitamente.com” reinveste na potencialidade utópica da *web*.

**AUTO-RETRATO COLETIVO na cidade expandida, de Nardo Germano**

**Cidade, Identidade e Tecnologia**

A série “Auto-Retrato Coletivo” teve início em 1987, com ensaios fotográficos compostos por painéis de fotos de documento sem negativo obtidos em cabine Fotomática, com apropriação dessas imagens *ready-made* como autorretratos. Esse aparelho, instalado no espaço público, deflagrou desdobramentos de caráter social da identidade na minha abordagem do tema (até então realizada em espaço protegido, na privacidade de estúdio, com temática intimista focada no indivíduo). Por via dessa mudança de perspectivas, usos e funções, os ensaios iniciais da série, “Auto-Objeto” e “Sujeitos”, adotaram uma explícita ênfase social e inauguraram a discussão temática da identidade coletiva como um projeto artístico de maior envergadura. Organizada como repositório crítico da identidade coletiva, a série constituiu-se de autorretratos híbridos entre o indivíduo e o coletivo, questionando a construção de estereótipos nos *mass-media* sob a égide do desvio e do estigma social (GERMANO, 2007).

Em 2001, retomei a série com o objetivo de estabelecer novos contrapontos identitários, investindo o processo de criação numa abertura à recepção. A partir da digitalização de “Sujeitos”, colagens compostas de autorretratos acéfalos, recortes de textos, imagens e manchetes de jornal, a série então articulou-se em estratégias de participação e interatividade para promover a inclusão de alteridade, expressões e pontos de vista dos espectadores na noção de identidade coletiva veiculada nas obras, à luz dos conceitos de “obra aberta” (ECO,1988) bem como “dialogismo e polifonia”(BAKHTIN,1970). Enquanto participantes e/ou interatores em ambiente real e/ou digital, os “espect-autores” (GELLOUZ, 2007) migram suas identidades para o *corpus* de “Auto-Retrato Coletivo” e renovam, expandem, problematizam a identidade coletiva, inscrevendo-a numa dimensão utópica de identidades abertas.

Nesse contexto colaborativo, as obras da série remetem à questão identidade e espaço, partindo do pressuposto de interrelações entre as duas modalidades de cidade, num trâmite de mão dupla entre a cidade real e a cidade digital que se esclarece pelo conceito de cidade expandida. Em 2006, enquanto a obra interativa “*ANDROMAQUIA on-line”* era inaugurada na exposição “*Cyber-Art*e” (intervenção num *cyber*-café da rua Augusta durante a Virada Cultural-SP daquele ano), paralelamente a obra “Corpo Coletivo” – intervenção urbana e performance participativa – era inaugurada em espaços públicos, percorrendo praças e bairros da cidade de São Paulo. Já a obra “Doe Seu Rosto” (2001) propõe dupla abertura poética em diferentes condições espaciais: participação, com identidade compartilhada presencialmente em espaços públicos, e interação *on-line*, em telepresença no ambiente digital, onde ambos os resultados são disponibilizados conjuntamente, sem distinção de sua origem.

A série “Auto-Retrato Coletivo”trata da identidade coletiva enquanto memória e compartilhamento de uma história coletiva na perspectiva da identidade nacional (SMITH *in* FEATHERSTONE, 1992, p.179), introduzindo uma discussão política no jogo de estereótipos e estigmas identitários. Nesse sentido, aproxima-se da noção de “sujeito sociológico”de Mead e Cooley em que “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real‘, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores‘ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2006, p.11). No conceito de sujeito sociológico, podemos encontrar equivalências com noções de espaço: implicações geopolíticas na constituição das identidades. O núcleo interior do “eu real” constituiria o espaço habitado primordial, numa “*relación con el mundo constitutiva de su peculiar espacialidad*” que Barbero (2008, p.4) associa à denominação “corpo próprio” de Merleau-Ponty e que podemos associar à primeira noção de identidade individual. Os mundos culturais exteriores corresponderiam aos demais espaços – produzido, praticado(*cf*. Benjamin)eimaginado – que constituem no conjunto a noção de ambiente com o qual a individualidade primordial estabelece vínculos.

Enquanto espaço produzido, os meios de comunicação de massa monopolizam a construção identitária à medida que

*en nuestras ciudades, cada día más extensas y desarticuladas [...], la radio, la televisión y la red informática producen el único tipo de espacio compartido, esto es capaz de ofrecer formas de contrarrestar el aislamiento de los indivíduos y las famílias posibilitándoles unos mínimos vínculos socioculturale*s (BARBERO, 2008, p.5).

Entretanto, exercendo o papel de aparelho ideológico de informação do Estado que embute, “através da imprensa, da rádio, da televisão, em todos os ‘cidadãos’, doses quotidianas de nacionalismo, chauvinismo, liberalismo, moralismo” (ALTHUSSER, 1980, p.63), os *mass-media* geralmente forjam uma falsa consciência do cidadão sobre si mesmo, que incorpora uma “*identidade legitimadora, introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar a sua dominação sobre os actores sociais*”, conforme analisa Cunha (2007, p.192) a partir da conceituação de Castells.

As noções de espaço (habitado, construído e imaginado) são acionadas pelas proposições participativas “Corpo Coletivo”e “Doe Seu Rosto”, que ocorrem como intervenção no espaço praticado, do qual se apropriam, abolindo assim a mediação para encontrar o indivíduo diretamente no contexto social, praticando o espaço urbano, haja vista que, conforme Barbero sublinha,

*la ciudad se experimenta practicándola mediante los trayectos y los usos que de ella hacen y trazan sus habitantes, esas ‘motricidades espaciales’ en las se combinan estilos colectivos y usos individuales, todos ellos atravesados por cambios que trastornan los modos de pertenencia al território y las formas de vivir la identidad.*(2008,p.6-7)

É possível reconhecer consonâncias entre a noção de espaço praticado e o “Programa Ambiental” de Hélio Oiticica, que norteia as táticas de ação em “Corpo Coletivo” e “Doe Seu Rosto”enquanto arte participativa e intervenção urbana, na medida em que a obra se estende para a experiência cotidiana no espaço público pelo princípio de apropriação do entorno, do “mundo ambiente” (1986, p.79) como contexto. Nesse sentido, “ao situar as operações nas ruas, parques, morros, pavilhões de exposições industriais etc., Oiticica acredita que o público se aproxima sem constrangimentos, com total disponibilidade, de experiências que na arte são segregadas”, o que vale dizer que as Manifestações Ambientais instauram condições mais propícias à criação, pois “não se distinguem aí níveis – de elaboração de obras, de circulação e de significação social: a ambientação reúne artista, participantes e ‘mundo’”, sem distinções hierarquizantes, configurando-se como “lugares de transgressão em que se materializam signos de utopias (de recriação da arte como vida)” (FAVARETTO, 1992, p.121-129). Nessa perspectiva utópica, “Corpo Coletivo” se apropria de espaços públicos não protegidos, como praças públicas, ruas e largos, sobretudo aqueles cuja história os caracteriza como espaços políticos, a exemplo da Praça da Sé (palco dos movimentos pelas “Diretas-Já”, anos 80) e do Vale do Anhangabaú (palanque do movimento pelo *Impeachment* de Collor, anos 90), dois espaços da cidade de São Paulo que contextualizam politicamente os cidadãos como sujeitos da história – e em “Auto-Retrato Coletivo” como sujeitos e autores de sua própria identidade.

Quanto ao espaço imaginado: “Corpo Coletivo” atua na relação fundante que vincula o cidadão com o Estado Nacional (BARBERO, 2008, p.5-6). Num país como o Brasil, que elencamos entre os “povos híbridos” (BURKE, 2003, p.36) no encontro de três raças no período colonial e posterior miscigenação com o processo de imigração européia pós-abolição da escravatura no final do século XIX, a diversidade cultural protagoniza as discussões sobre a identidade brasileira, no nosso imaginário. “Doe Seu Rosto”, propondo uma identidade metonímica ao solicitar a parte do rosto com a qual o indivíduo mais se identifica, aciona inicialmente o espaço habitado (do corpo próprio) e se realiza tanto no espaço praticado da cidade, quanto no espaço produzido da rede informática: enquanto imaginário coletivo, a diversidade étnica e cultural deflagra-se pelo recorte não indiciário das identidades pela escolha por retratar (ou não) apenas o olho que denota uma ascendência japonesa, ou a orelha na qual pende um brinco afro. A exibição dos autorretratos lado a lado, justapondo os diferentes tons de pele, tipos de cabelo e traços fisionômicos, revela uma ampla gama da diversidade brasileira. Em “*ANDROMAQUIA on-Line”*, a abertura para o espaço imaginado ampliou o âmbito do nacional para a noção de identidade latino-americana, como explicitada por uma colombiana, para quem “quase dizer sou brasileira que seria, como borges falava, ao igual que ser colombiana, uma questão de fe”. Essa noção reaparece numa transcrição de versos da canção “Apenas um rapaz latino-americano” do compositor brasileiro Belchior cuja letra também testemunha a migração do interior para as grandes capitais.

Nessas três obras, a nossa “narrativa de nação” (HALL, 2006, p.52) aflora de diversos modos, com resquícios de nosso complexo de povo colonizado, cicatrizes do subdesenvolvimento, complexo de inferioridade em relação aos EUA e Europa, em contraponto à apologia da nossa sensualidade, da mistura de raças, da nossa hospitalidade. E paradoxalmente a situação inversa: crítica à nossa subserviência, à nossa obscenidade ou à nossa burrice, em contraponto à apologia da nossa capacidade de superação, inteligência, alegria e criatividade. Observa-se, nessa polifônica falta de unanimidade sobre os mais diversos aspectos, que a identidade, a exemplo da noção de fronteiras, é um componente cada vez mais imaginário do nacional (BARBERO, 2008, p.6).

Enfim, os objetos criados nas intervenções urbanas participativas de “Corpo Coletivo”e “Doe Seu Rosto” são disponibilizados no *site* do “Auto-Retrato Coletivo”, na *Internet*, tornando-se matéria-prima para as interações de “*ANDROMAQUIA on-line”* e da versão *on-line* de “Doe seu Rosto”. Desse modo, ancorada no conceito de “Poéticas em coletividade” ou “Poéticas em coletivo”(GERMANO, 2008), que compreende o caráter polifônico da *poiesis* dos espectadores, a série transforma-se num campo de imersão de poéticas sem hierarquizações, valorações ou discriminações de qualquer ordem – inclusive de espaço. Instauram-se diálogos entre as contribuições obtidas tanto no espaço físico quanto nas redes informáticas, reiterando, nas conexões entre a cidade real e a cidade digital, aquela interdependência e complementaridade presentes no conceito de cidade expandida, mas à luz de uma dialética da utopia e da ideologia tal como proposta por Fredric Jameson, para quem

uma hermenêutica marxista negativa, uma prática marxista da análise ideológica propriamente dita, deve ser exercida, no trabalho prático de leitura e interpretação, *simultaneamente* com uma hermenêutica marxista positiva, ou uma decifração dos impulsos utópicos desses mesmos textos culturais ainda ideológicos (1992,p.304,grifo do autor).

Nessa dialética, fundada no entendimento de que a massificação identitária da cidade real circula na cidade digital e *vice-versa*, a série exerce uma crítica negativa ideológica aos estereótipos, simultaneamente a uma prática afirmativa como decifração de impulsos utópicos, encetada com a abertura aos espectadores como signos de identidades plurais, viabilizando enfoques dialógicos e polifônicos para subverter, no âmbito da consciência de classes, os processos identitários hegemônicos em ambas as modalidades de cidade.

**Considerações finais: dialética da cidade expandida**

*Electric lighting has brought into the cultural complex*

*of the extensions of man in housing and city,*

*an organic flexibility unknown to any other age.*

McLUHAN

Parafraseando McLuhan para nossa reflexão final, podemos considerar que as redes informáticas trouxeram à cidade como extensão do homem uma flexibilidade imaterial e incomensurável que eleva à enésima potência o seu sentido de cidade expandida. A noção de expansão nesse contexto assume uma amplitude radial multidirecionada, por conta da imaterialidade, da virtualidade e do rompimento da noção de tempo e espaço promovidos pelo meio tecnológico, ucrônico e ubíquo. Na cidade real, a expansão geográfica efetiva-se horizontalmente; contudo, para abarcar a cidade digital, composta por redes físicas de transmissão de dados e redes invisíveis de transmissão via satélite, a cidade expandida absorve agora não apenas as áreas físicas periféricas e campesinas, mas também uma cidade invisível, configurada segundo a ordem sócio-política, econômica e histórica do sistema herdado da cidade real e reconfigurado na estrutura do pensamento tecnológico.

Considerando que o entendimento embasado num absolutismo da cidade real ou da cidade digital não é produtivo; a adoção do conceito de cidade expandida para refletir sobre as interrelações de cidade e tecnologia aponta para a noção de absorção mútua e recíproca das modalidades de cidade, o que permite uma observação dialética e não maniqueísta da questão, significando dizer que essa absorção não é necessariamente sempre harmoniosa ou pacífica – ou seja, configura-se historicamente uma hibrid[iz]ação por conta do caráter expansionista enquanto processo de dominação hegemônica que não pode ser negligenciado por uma crítica que se deseje imparcial.

Retornando a McLuhan: o autor menciona a obra “*The City in History”* de Lewis Munford que conta sobre a cidade de Nova Inglaterra, capaz de desenvolver o padrão da cidade medieval ideal por sua capacidade de dispensar as muralhas e misturar campo e cidade, comentando que “*when a technology of a time is powerfully thrusting in one direction, wisdom may well call for a countervailing thrust*” e complementa que “*the implosion of electric energy in our century cannot be met by explosion or expansion, but it can be met by decentralism and the flexibility of multiple small centers*” (1994, p.70) para concluir, citando a afirmação de Arnold Toynbee: “*More often geographical expansion is a concomitant of real decline and coincides with a ‘time of troubles’ or a universal state – both of them stages of declines and desintegration*” (*apud* MCLUHAN, 1994, p.71). Preocupação similar concerne à nova abrangência da cidade expandida no meio digital que permite explorar cumulativamente as características em comum e as especificidades antagônicas de cada uma das modalidades de cidade, fator que paradoxalmente sinaliza um período de confronto, instabilidade e crise. Se, de um lado, a cidade digital e seu potencial utópico podem exercer influências e mudanças que renovem a cidade real, tanto em sua estrutura quanto em sua ordem econômica e ideológica, a exemplo de ações artísticas na *Internet* e movimentos de contestação política organizados em redes sociais; de outro lado, essa expansão também representa reinauguração e/ou reforço de instâncias de poder, controle e opressão da cidade real sobre a cidade digital, numa mera reprodução do *status quo* e dos meios de produção já existentes.

Enfim, na medida em que podemos tratar de necessidades sociais complexas via computador com a mesma segurança arquitetural de nosso espaço privado nessa interfusão de espaços e funções da aldeia global (MCLUHAN, 1994), uma dialética da cidade expandida é fundamental para promover enfoques e filtros mais críticos, de modo que, naquele espírito da crítica negativa do ideológico simultânea a uma prática afirmativa de impulsos utópicos, possamos usufruir dos avanços tecnológicos com a maior consciência possível do fenômeno como transformação, sem mascarar as problemáticas e as forças retrógradas que afetam nossa relação com as urbanidades contemporâneas.

**BIBLIOGRAFIA**

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado** (notas para uma investigação). 3. ed. Lisboa: Presença, 1980.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ARNOLD, Alvin L. 2001 AD: Real Property Law and Investment in Retrospect. **Prob. & Tr. J.**, Boston, Massachussetts, v.7, 1972.

BAKHTIN, Mikhail. **La Poétique de Dostoïevski***.* Paris: Editions du Seuil, 1970.

BARBERO, Jesús Martin. Entre urbanías y ciudadanias. (texto2) **Cartografias culturales de la sensibilidad y la tecnicidad***.* Apostila ECA/USP, São Paulo, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. RS: Unisinos, 2003.

CUNHA, Isabel Ferin. Identidade e Reconhecimento nos *Media.* **MATRIZes**: revista do PPG em Comunicação da ECA/USP, São Paulo, n.1, p.187-208, 2007.

DOMINGUES, Diana. (org.). **A Arte no Século XXI**: A Humanização das Tecnologias. São Paulo: Fundação Ed. UNESP, 1997.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

FAVARETTO, Celso. **A Invenção de Hélio Oiticica***.* São Paulo: EDUSP, 1992.

FEATHERSTONE, Mike. **Global culture nationalism, globalization and modernity.** London: Sage, 1992.

GELLOUZ, Mohamed Aziz. **Théâtre Citoyen**: un modèle d’avenir... 2007. 128p. Programme d'Apprentissage Expérientiel par l'Intervention Communautaire de l'Université de Sherbrooke (PAEIC), Quebec, Canadá, 2007

GERMANO, Nardo. **Auto-Retrato Coletivo**: Poéticas de Abertura ao Espectador na [Des]Construção de uma Identidade Coletiva*.* 2007. 188p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Comunicações e Artes - ECA/USP, São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_\_. Auto-Retrato Coletivo discute identidade em espaços públicos. **Ars:** revista do PPG em artes visuais da ECA/USP, São Paulo, n.11, p.120-121, 2008.

\_\_\_\_\_\_. [Autor]retrato coletivo *on-line* na [des]construção de uma identidade coletiva.In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ARTE E TECNOLOGIA: arte, tecnologia, territórios ou a metamorfose das identidades, 8., 2009, Brasília. **Anais...** Brasília: UnB, 2009. p. 313-322.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. R.Janeiro: DP&A, 2006.

JAMESON, Fredric.**O Inconsciente Político**. São Paulo: Ática,1992.

KRAUSS, Rosalind*.* Sculpture in the Expanded Field. **October**, vol.8, p.30-44, 1979.

LACERDA, Norma; ZANCHETI, Sílvio Mendes; DINIZ, Fernando. Planejamento metropolitano: uma proposta de conservação urbana e territorial. **EURE,** Santiago, v.26, n.79, 2000.

McLUHAN, Marshall. **Understanding Media:** the extensions of man. Cambridge, Massachussets, London, England: MIT Press edition, 1994.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao Grande Labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

RONCAYOLO, Marcel. **La ville et ses territoires.** Paris: Gallimard, 1997.

SMITHSON, Robert. **The Writings of Robert Smithson**. New York: NY University Press, 1979.

VALENTE, Agnus. **ÚTERO portanto COSMOS**: Hibridações de Meios, Sistemas e Poéticas de um *Sky-Art* Interativo*.* 2008. 237p. Tese (Doutorado Artes Visuais)–ECA/USP, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_\_. **Parabola-Imago**: Transmutações Criativas entre o Verbal e o Visual. 2002. 220p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – ECA/USP, São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_\_. vendogratuitamente.com. **Ars:** revista do Programa de Pós-Graduação em artes visuais da ECA/USP, São Paulo, n.11, p.140-141, 2008.

\_\_\_\_\_\_. **Carta de Intenções** - LOGO/JOGO de Agnus Valente: Projeto Criativo e Metalinguagem. São Paulo, 2006.

WEISSBERG, Jean-Louis. **Présences à Distance**. Paris: L‘Harmattan, 1999.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

1. **aGNuS VaLeNTe:** Artista híbrido, Doutor e Mestre em Artes pela ECA/USP, Professor Assistente Doutor em Artes Visuais no IA/UNESP, um dos líderes do Grupo de Pesquisas “Poéticas Híbridas”, atuando como pesquisador nos Grupos de Pesquisa “Arte-Mídia e *Videoclip*”, “cAt” (IA/UNESP) e “Grupo Poéticas Digitais” (ECA/USP). Contato: agnusvalente@uol.com.br

 **NARDO GERMANO:** Artista-pesquisador multimídia, doutorando e mestre (2007) em Artes Visuais (ECA/USP), Bacharel em Letras (FFLCH/USP, 2001) e, no âmbito da pesquisa, atua como membro do “Grupo Poéticas Digitais” (ECA/USP). nardogermano@uol.com.br [↑](#endnote-ref-1)
2. Noção de extensão desde a aldeia: "*the village, as Munford explains in ‘The City in History’, had achieved a social and institutional extension of all human faculties*"(MCLUHAN,1994,p.93). [↑](#endnote-ref-2)